

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

OS DIREITOS HUMANOS EM *FELIZ ANO NOVO*, DE RUBEM FONSECA: TENSÕES E RUPTURAS

João Adalberto Campato Júnior (UNESP, UB)¹

Luís Carlos Alves de Melo (UERJ)²

Resumo

Este artigo tem como objetivo fundamental a proposição de uma reflexão sobre a questão dos direitos humanos na literatura brasileira, baseando-se, sobretudo, no conto do escritor mineiro Rubem Fonseca “Feliz Ano Novo” (1975). Almeja-se examinar como o autor aborda as várias facetas dos Direitos Humanos em sua obra e extrai disso uma interpretação crítica que revele ao leitor os propósitos desse autor ao abordar uma temática ainda bastante controversa. Dessa reflexão, espera-se que seja possível, a partir da literatura, abordar de forma mais crítica a questão dos direitos humanos em todos os níveis de ensino, levando os alunos a romper as barreiras do simplismo interpretativo baseada em senso-comum, despindo-se de paixões ideológicas e enxergando para além do engessamento político-social produzido ao longo dos anos em relação à temática ora em análise; questionando valores impostos pela estrutura social vigente e refletindo sobre a desigualdade social ainda muito acentuada no país.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Desigualdades. Literatura Brasileira. Rubem Fonseca. Feliz Ano Novo.

Abstract

This article has as its fundamental objective the proposition of a frank and honest reflection on the question of human rights in the Brazilian literature, based mainly in the literary work from the Minas Gerais writer Rubem Fonseca "Feliz Ano Novo" (1975). Aims, with due care, examine how the author addresses the Human Rights multifaceted in your work and extract a critical interpretation to reveal to the reader the purpose of this author to address a theme still enough controversy in military dictatorship, but perpetuated to the present day. This reflection, is expected to be possible, from the

¹ Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Pós-Doutorados pela Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Professor Titular do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Ambientais da Universidade Brasil (UB).

² Mestre e Doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista Capes. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Graduado em Letras (Português/Inglês) pela Faculdade da Alta Paulista (FAP).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

literature, addressing more critical issue of human rights at all levels of education, bringing students to break the barriers of the interpretive simplicity based on common sense, undressing himself of ideological passions and seeing beyond the political-social casting produced over the years in relation to the subject now under review; questioning the values imposed by the existing social structure and reflecting about social inequality still very sharp in the country.

Keywords: Human Rights. Inequalities. Brazilian Literature. Rubem Fonseca. Feliz Ano Novo.

Introdução

Pretendemos ao longo deste artigo realizar determinadas reflexões sobre os direitos humanos com base no conto “Feliz Ano Novo”, do escritor brasileiro Rubem Fonseca. Mais ainda: nosso objetivo é sugerir o mencionado conto como ferramenta para que a temática Direitos Humanos possa ser desenvolvida em sala de aula, de colégios a universidades, de forma menos simplista, recuperando toda a complexidade do assunto, que, quase invariavelmente, é tratado de forma maniqueísta e exageradamente devedora ao senso comum. Tenta-se mostrar que, ao lidar com o conteúdo sobre Direitos Humanos, vamos nos deparar com uma realidade multifacetada, coalhada de pontos de vistas diferentes, porosa, complexa, subjetiva, que renova constantemente seus problemas e questionamentos, que vive mais de incertezas do que de verdade acabadas; em suma, que é mais um processo do que produto acabado. Isso, bem-feitas as contas, é ilustrado por “Feliz Ano Novo”.

José Rubem Fonseca nasceu em 1925. Estudou no Brasil e nos Estados Unidos. Teve experiência trabalhando na polícia, antes de se dedicar integralmente à literatura. Dos escritores mais respeitáveis da atualidade, sua obra divide-se entre o conto e o romance. Seus livros de maior destaque são os seguintes: *Os Prisioneiros* (1963), *A Coleira do Cão* (1965), *Lúcia McCartney* (1967), *O Caso Morel* (1973), *Feliz Ano Novo* (1975), *O Cobrador* (1979), *A Grande Arte* (1983), *Bufo & Spallanzani* (1986), *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* (1988), *Agosto* (1990), *Romance Negro e Outras Histórias* (1992), *O Selvagem da Ópera* (1994), *Buraco na Parede* (1995), *Pequenas Criaturas* (2002), *Secreções, Excreções e Desatinos* (2001), *Diário de um*

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Fescenino (2003).

1 Fortuna crítica sobre Rubem Fonseca

Para Bosi (s.d., p. 478), Rubem Fonseca é um dos “exploradores do nosso universo urbano ou marginal”, adotando linha neorrealista violenta. De acordo com Massaud Moisés (2001, p. 377), os romances do escritor se identificam pelo seu “realismo, um realismo feroz, cruel, violento, que não teme recorrer ao palavão mais contundente, ao baixo-calão, para se exprimir”.

Estilisticamente, podemos dizer que a sua escrita é despojada, objetiva, seca, feita de frases curtas. Ariovaldo Vidal (2000, p. 126), no entanto, aponta para a circunstância de que há mescla entre o estilo alto e o baixo em algumas composições do escritor, passando-se, com muita facilidade, da linguagem culta para a coloquial. Quanto aos palavões, o que tem custado a Fonseca a pecha de obsceno, são adequados ao contexto em que se passam certas histórias narradas.

No que tange aos temas, Deonísio da Silva (1996, p. 16) enumera as principais obsessões do ficcionista Rubem Fonseca, o que já oportunizaria uma primeira reflexão sobre sua literatura e a questão direta ou indireta dos direitos humanos: “a luta dos fracos diante dos fortes, as artimanhas da sobrevivência, engendradas por hábeis bandidos de um lado; de outro, os crimes de colarinho-branco, levando à malversação de grandes quantias em trapanças financeiras antológicas. Tudo mediado por elevadas doses de erotismos quase sempre patológicos que presidem as expressões da sexualidade, ou das sexualidades”. Em resumo, como pode ser observado, a violência e o erotismo são as maiores marcas da ficção de Fonseca.

Na opinião de Adriano Schwartz (2006, p. 7), os traços usuais do escritor são os seguintes: a violência, o sexo extremado, a crueza das situações, a banalização dos atos transgressivos, o desencanto, o reaparecimento de personagens em mais de uma história. Silverman (1981, p. 263), por sua vez, aponta como temas-chave: o conflito de classes, a violência, a hipocrisia social (ou burguesa), a desumanização e o vazio relacionamento homem-mulher.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Fácil concluir que a violência é um dos motes de maior centralidade na produção de Rubem Fonseca. Daí a importância que cabe na sua criação literária o questionamento dos direitos humanos. É como se seus contos e romances tratassem de uma espécie de pré-guerra civil que tivesse tomado conta de nosso espaço e contra a qual nada pudessemos fazer de imediato ou a longo prazo.

Tal violência pode surgir seja de circunstâncias sociais, seja de circunstâncias individuais, independentemente das classes sociais a que os indivíduos pertençam. Isto é, dimana tanto dos “marginais” das classes mais baixas, como dos altos escalões da sociedade. Rubem Fonseca nega-se, portanto, a tematizar apenas a violência dos oprimidos. De mais a mais, já não há lugar no seu universo ficcional para um limite bem definido entre mocinhos e bandidos, entre oprimidos e opressores, entre fora e dentro da Lei. Estamos diante de um campo opaco e nebuloso, em que as ações não têm significado prévio e estável. Tudo passa a adquirir valor somente no contexto de cada circunstância.

No que toca ao erotismo, Malcon Silverman (1981, p. 271) sustenta: “No mundo de Fonseca, o contato pessoal, especialmente entre os sexos (relacionamento é geralmente um termo demasiado generoso e enganador), é destituído de amor e, conseqüentemente, de emoção; ao contrário, é quase sempre instintivo”. Com respeito à relação erotismo/pornografia e violência, atente-se para o seguinte trecho de Figueiredo (2003, p. 27-8):

Acusaram o autor de pornografia, de atentado à moral e aos bons costumes, e usaram, como prova, o uso de palavrões, enquanto o que de fato incomodava no livro [*Feliz Ano Novo*] e incomoda, ainda, é a variação, a cada conto, de pontos de vista sobre a violência, levando o leitor a ver a realidade de diferentes ângulos e, assim, abrindo caminho para que as verdades estabelecidas fossem colocadas sob suspeita.

Ainda no que tange ao erotismo, é de ressaltar que Fonseca filia-se numa linhagem de escritores cujo projeto literário inclui tratar da sexualidade e de suas paixões sem os disfarces e o abrandamento dos eufemismos e das metáforas (SILVA, 1983, p. 93). A solidão, outrossim, é motivo relevante da produção de Rubem Fonseca. A relação entre as pessoas que povoam sua narrativa parece jamais ser completa e

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

harmoniosa, imperando certo sentido de opressão. O vazio associado à vida urbana, consoante lembrado por Silverman (1981, p. 262), também pode ser referido. Por sinal, o futuro parece não trazer nenhuma esperança de melhoria em relação ao destino do cidadão urbano ou à sua conduta.

Silva (1996, p. 98) afirma que Rubem Fonseca, ao escrever, deve supor um interlocutor inteligente, culto e atento, já que o escritor é “pródigo em deixar as coisas para o leitor completar”. Para o crítico literário Manuel da Costa Pinto (2004, p. 90-2), a quem passaremos a transcrever quase na íntegra, pode-se dividir a obra de Rubem Fonseca em dois momentos, correspondentes a dois gêneros literários diferentes, o conto e o romance.

Nos anos 1960 e 1970, Fonseca surge como um dos renovadores da narrativa urbana, com contos de realismo radical que leva para a ficção a dimensão da criminalidade e as vidas traumatizadas do subúrbio da grande cidade do Rio de Janeiro. A partir dos anos 1980, esses instantâneos ou flashes da cena metropolitana convivem com a teia narrativa de romances em que o crime adquire jaez existencial.

Nos contos, a trama reduzida, a frase cortada, os diálogos velozes, a gíria marginal e a mínima participação dos narradores plasmam efeito de forte objetividade, que expõe na dureza da sintaxe a rispidez das tensões sociais. Nesse mundo de dificuldades, não há quem não seja abjeto, o criminoso pode encarnar num assassino profissional quanto ser um industrial neurótico. Os mundos possíveis criados por Fonseca não são habitados apenas por meliantes: há desvalidos, mendicantes, pobres-diabos, as “pequenas criaturas” que dão nome a um de seus livros mais recentes e aos quais ele retribui, dando voz aos deserdados da sarjeta brasileira.

Nos romances, ao contrário, Rubem Fonseca estabelece relação de empatia com as personagens e com o mundo do crime, elaborando protagonistas que participam em mais de um livro. Vilões e heróis têm a ambiguidade moral e a aura de mistério dos detetives do romance *noir* norte-americano. Isso porque são, concomitantemente, angustiados e pragmáticos, frios, porém sofisticados. Seus *thrillers* tornam a violência sedutora, envolvente, e estão muito distantes do “realismo feroz” praticado nos contos.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

2 *Feliz Ano Novo*

“Feliz Ano Novo” (escrito em 1975) – conto que permaneceu censurado na época da ditadura militar – é exemplar da “poética” de Rubem Fonseca. A obra retrata cena comum em todas as metrópoles, um assalto engendrado por quadrilha, particularmente ocorrido em rica mansão e durante a comemoração da passagem do ano, o que não é desprovido de relevo simbólico. O que impacta o leitor é a virulência crua e intensa com que tudo é descrito por uma narração que cria efeito de sentido de passividade e de distanciamento, quando não de completo enfado.

Há imenso ódio social guiando os criminosos, cada vez mais perceptível à medida em que eles notam, ao vivo e em cores, os diferentes mundos sociais que a realidade consegue hospedar ao mesmo tempo e sem levantar indignação da população, dos governantes, dos políticos, dos religiosos, de quem quer que seja. Rubem Fonseca, em poucas linhas, alcança reproduzir semelhante clima de diferença, de polarização e de ódios com grande eficácia: “Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você? Ô Pereba, o máximo que você pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa” e, mais adiante, “Em cima de uma mesa tinha comida que dava para alimentar o presídio inteiro”, “tanta gente rica e eu fudido”. Começam a se intensificar, pois, questionamentos que sinalizam, ainda que indiretamente, para a justiça social, para os direitos humanos, para a igualdade de oportunidades. O começo do conto é eloquente nessa linha:

Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque.

Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros.

Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor.

Vai mijar noutro lugar, tô sem água.

Pereba saiu e foi mijar na escada.

Onde você afanou a TV, Pereba perguntou.

Afanei, porra nenhuma. Comprei. O recibo está bem em cima dela. Ô Pereba! você pensa que eu sou algum babaquara para ter coisa estarrada no meu cafofo?

Tô morrendo de fome, disse Pereba.

De manhã a gente enche a barriga com os despachos dos babalaôs, eu

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

disse, só de sacanagem.

Não conte comigo, disse Pereba. Lembra-se do Crispim? Deu um bico numa macumba aqui na Borges de Medeiros, a perna ficou preta, cortaram no Miguel Couto e tá ele aí, fudidão, andando de muleta.

Pereba sempre foi supersticioso. Eu não. Tenho ginásio, sei ler, escrever e fazer raiz quadrada. Chuto a macumba que quiser. (FONSECA, 2005, p. 13)

No entanto, o clímax da narrativa verifica-se na ocasião em que o bando de Pereba invade e, depois, assalta uma mansão, barbarizando os convivas de uma rica e faustosa festa de fim de ano. Percebe-se na ação dos marginais um sentimento de raiva que os faz serem extremamente violentos com requintes de crueldade e algo de humor negro.

Observa-se que considerável parte dessa raiva advém da constatação bruta e tensa da diferença social que separa os grupos de convivas e de assaltantes, marcada pela oposição entre presença e ausência, assim posta: presença de comida, de sexo, de dinheiro, de beleza, de festa de fim de ano X ausência disso tudo. Semelhante oposição, entre outras coisas, é que os incita à violência audaciosa e a agir sem a menor piedade ou complexo de culpa. Basta reparar – para melhor entendimento do que falamos – no excerto abaixo na frase em que um dos bandidos nota que, na festa, havia comida para alimentar um presídio inteiro.

Puxamos um Opala. Seguimos para os lados de São Conrado. Passamos várias casas que não davam pé, ou tavam muito perto da rua ou tinham gente demais. Até que achamos o lugar perfeito. Tinha na frente um jardim grande e a casa ficava lá no fundo, isolada. A gente ouvia barulho de música de carnaval, mas poucas vozes cantando. Botamos as meias na cara. Cortei com a tesoura os buracos dos olhos. Entramos pela porta principal. Eles estavam bebendo e dançando num salão quando viram a gente. É um assalto, gritei bem alto, para abafar o som da vitrola. Se vocês ficarem quietos ninguém se machuca. Você aí, apaga essa porra dessa vitrola!

[...] Para assustar ainda mais eu disse, o puto que se mexer eu estouro os miolos. Então, de repente, um deles disse, calmamente, não se irrite, levem o que quiserem não faremos nada. Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço. Podem também comer e beber à vontade, ele disse. Filha da puta. As bebidas, as comidas, as jóias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro.

Como é seu nome? Maurício, ele disse. Seu Maurício, o senhor quer se levantar, por favor? Ele se levantou. Desamarrei os braços dele.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Muito obrigado, ele disse. Vê-se que o senhor é um homem educado, instruído. Os senhores podem ir embora, que não daremos queixa à polícia. Ele disse isso olhando para os outros, que estavam quietos apavorados no chão, e fazendo um gesto com as mãos abertas, como quem diz, calma minha gente, já levei este bunda suja no papo. Inocêncio, você já acabou de comer? Me traz uma perna de peru dessas aí. Em cima de uma mesa tinha comida que dava para alimentar o presídio inteiro. Comi a perna de peru. Apanhei a carabina doze e carreguei os dois canos. Seu Maurício, quer fazer o favor de chegar perto da parede? Ele se encostou na parede. Encostado não, não, uns dois metros de distância. Mais um pouquinho para cá. Aí. Muito obrigado. Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone. (FONSECA, 2005, p. 16)

3 *Feliz Ano Novo* e os direitos humanos

Nessa ordem de reflexões e ainda que seja desconfortável admitir ou, pelo menos, entender o que segue, o conceito de culpado, de bandido, de crime, enfim, de justiça e de direitos, termina por se relativizar, tornando-se algo não inteiramente definido e acabado e que não pode ser tratado com maniqueísmo confortável ou vestido de rótulos absolutos.

Sob certo ponto de vista, custa muito trabalho afiançar qual dos dois grupos de personagens que frequentam o conto é campeão de indiferença: os milionários isolados em ilhas de confortos e abundância, rodeados por um mar de miséria por todos os lados e cegos em relação aos direitos dos outros, ou os marginais, que matam, estupram, amedrontam como se estivessem alijados de qualquer resquício de moralidade, compaixão e sentido humano. Por acaso, ricos alienados ou bandidos insensíveis deixam de ser humanos e abandonados por seus direitos? Por acaso, a Declaração dos Direitos Humanos não é universal? Eis inadiáveis indagações que devemos nos colocar.

É justamente esse processo de problematização que faz o conto de Rubem Fonseca não estacar no plano superficial da pura pornografia, da rasa escatologia, da violência sensacionalista, fim em si mesma, da defesa do fazer justiça com as próprias mãos, enfim, da demagogia fácil. Quanto ao mais, não há vozes, no conto, que façam

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

juízos categóricos e perpétuos, que busquem o imutável. A problematização adensa-se haja vista que os marginais, em nenhum momento, se arrependem de suas atitudes, assim como inexiste a menor concessão melodramática na urdidura da trama e na composição das personagens.

A rudeza e a inegável – por vezes chocante – aspereza do conteúdo (homicídios, sangue, estupro, defecação, masturbação, consumo de drogas ilícitas, amputação etc.) tem contraparte na linguagem verbal que molda “Feliz Ano Novo”: os períodos são curtos, velozes, substantivos, cortantes, incisivos, desataviados; há grande número de diálogos coloquiais; abundam os palavrões fundados no vocabulário do sexo e das necessidades fisiológicas. Na parte da estrutura narrativa, concorre para a eficiência do texto a condensação e o fato de ser enunciado por narrador autodiegético, que é um dos bandidos do grupo, relatando a história da ótica dos marginais e adotando focalização externa.

A discussão até aqui empreendida e a leitura do conto de Rubem Fonseca dão ensejo a reflexões sobre os direitos humanos segundo já foi notado. Em específico, poderia lançar boa luz no debate a respeito da universalidade dos direitos humanos no Brasil, de como ele se aplica ou não se aplica a determinada categoria de cidadãos, como, por exemplo, os criminosos. Nem de longe penetraremos a fundo na questão apenas esboçada; limitar-nos-emos a algumas indicações cujo escopo é oferecer direcionamento mais objetivo à questão, ao abrigo de opiniões extremistas que coloquem em risco o estado democrático de direito.

No terreno dos conceitos, é cabível definir direitos humanos como aqueles que o ser humano possui por ser uma pessoa humana e que lhe garantirá a dignidade. Com efeito e nessa condição, a pessoa tem os seguintes direitos: direito à vida, à família, à alimentação, à educação, ao trabalho, à liberdade, à religião, ao meio ambiente sadio, à orientação sexual, etc. (2013, p. 11). Torna-se fundamental salientar que esse elenco de direitos é garantido pelos sistemas oficiais. A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi proposta e aprovada, em 1948, na Organização das Nações Unidas (ONU).

Em seu Art. nº 1, há a afirmação-chave segundo a qual todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direito. Demais disso, os direitos humanos são

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

indivisíveis, interdependentes e inter-relacionados. Pela indivisibilidade, a sociedade deve respeitar os valores humanos sem nenhum tipo de restrição; pela indivisibilidade, todos os direitos são unitários; o que equivale a dizer que, se se desrespeita um direito em especial, por consequência serão desrespeitados tantos outros. Já pela interdependência, a não realização de um direito compromete outro.

Quando temos impressão de que os direitos humanos pouco funcionam ou são ineficazes, é provável que estejamos ainda diante de um país desigual, em que há um fosso grande separando ricos e pobres. Nessas circunstâncias, por alguns motivos, os ricos acabam tendo mais facilidade para ter os direitos respeitados. O mesmo respeito, todavia, é conquistado (quando é conquistado) com mais dificuldade pela camada mais pobre da população, que possui pouco poder político também.

Além do desproporcional acesso aos direitos que deveriam ser, por definição, universais e inegáveis, há outra questão que chama a atenção no conto em análise: o olhar escandalizado do leitor em razão da violação do lar (mansão) e da violação sexual.

Ao abordar com a riqueza de detalhes que lhe é própria, Rubem Fonseca não quis/quer apenas escandalizar seus leitores, mas levá-los a refletir sobre as mazelas que ainda são bastante acentuadas em nossa sociedade, escancarando a hipocrisia no qual o país foi fundado. Vale dizer: cada qual dentro de seu papel na obra exerce função de violação e completo desprezo pelos direitos alheios, de modo que a violência é uma situação socialmente mensurada a partir do degrau social no qual o sujeito observador se encontra, em que cada qual tende a ver aquilo que melhor lhe sirva como termômetro moral.

Feliz Ano Novo atua no sentido de elevar a temperatura da crítica ao limite, levando-nos ao desvencilhamento de posições simplistas em torno da questão dos direitos humanos. Ao abordar de forma crua o abismo social que divide as personagens do conto, busca-se evidenciar o modo como direitos são aplicados de acordo com a posição que cada um ocupa na pirâmide societal, na qual a violência exerce o papel de relevo tanto de um lado quanto de outro. Dessa forma, enquanto

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

de um lado (ricos), temos certa relativização da violência, de outro (pobres), temos a acentuação como forma de criminalização social. Há, portanto, dupla marginalização do sujeito menos favorecido (econômica e social), além de dupla violação de seus direitos (fundamentais e humanos).

Isso pode ser visto facilmente na quase totalidade de notícias diárias nas quais há clara diferenciação de condutas quando a violência é praticada por pobres e ricos. Os primeiros são sempre vistos como bandidos em potencial, indivíduos que por sua condição social têm predisposição para o crime. Já os segundos são tratados como suspeitos, quando muito, e quase sempre têm sua conduta definida pela exceção ou por um desvio pontual de conduta que não deve ser levado em conta. Quanto ao primeiro grupo, o clamor por direitos humanos é visto como uma forma de proteção à “vagabundos”. Em relação ao segundo grupo, um meio de garantir a plenitude do direito.

Nas linhas de *Feliz Ano Novo* isso fica bastante claro. É possível ver como o horror suscita não apenas desigualdades sociais e simbólicas entre grupos em justaposição, como também explicita o quanto hipócrita a sociedade pode se tornar diante de grupos sociais distintos. O elo que os une na obra não poderia ser outro senão a festa de *réveillon*, na qual o valor da vida parece se relativizar na medida em que adentramos a segunda metade do conto. Outro ponto de convergência entre os grupos sociais são os excessos em que cada qual está imerso: os ricos em excessiva abundância e os pobres em excessiva miséria.

A rudeza com que Rubem Fonseca aborda temáticas tão espinhosas pode conduzir o leitor mais desatento ao erro de achar que o autor faz uma relativização da violência, sobretudo da sexual, transformando-a em cena jocosa. O modo como o enredo se desenvolve quer demonstrar metaforicamente como o Estado constantemente tem violado os direitos das camadas sociais mais pobres em detrimento das camadas sociais que detêm poder político e econômico para garantir-lhes integral cumprimento dos direitos fundamentais e humanos. Nesse ponto, invertem-se, portanto, as posições das personagens do conto e já não é mais possível definir qual deles é mais contraventor.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Considerações finais

Diante do que foi exposto até então, emerge à superfície do conto um rol de questões fundamentais para compreender como a questão dos direitos humanos é tratada pelo autor ao longo da obra. Será que realmente estamos atentos ao crime descrito na narrativa? As desigualdades sociais apresentadas não nos dão pistas importantes sobre como a sociedade forja a ferro e fogo a imagem prévia do que compreende por bandido? Afinal, não seriam tão bandidos aqueles que, utilizando-se de poder político e econômico, fazem perecer milhões de outros? Não haveria, na contracorrente, uma violação aos princípios da igualdade e da dignidade humana ao se permitir que seletos grupo social detenha, acumule e controle a mesma riqueza que o restante da população? Não estaríamos nós também adotando os mesmos parâmetros para perpetuar a divisão social e as desigualdades de nosso país, relativizando os direitos humanos?

As questões postas à mesa podem levar os leitores a trafegar por caminhos interpretativos diversos. Isso, ao que parece, é o que Rubem Fonseca preconizou em *Feliz Ano Novo*. A realidade multifacetada na qual os Direitos Humanos têm sido aplicados demonstra que ainda caminhamos a passos curtos em relação à aplicação de tal quesito. A política de combate ao crime e de aprisionamento possui um alvo em potencial, com face, cor, condição social e habitacional bem definidos. A rigor, a sociedade é responsável direta pela acentuação da violência e das desigualdades. Não à toa, ecoa em seu seio que direitos humanos só devem alcançar humanos direitos; desde que esses humanos não sejam pobres e pretos.

Por derradeiro, o conto de Rubem Fonseca expõe de forma crítica e, por vezes, patética, a hipocrisia incrustada na sociedade atual, apresentando uma narrativa em que há a devastação de um modelo de sociedade, respaldada pelo Estado, no qual, enquanto os ricos mergulham em abundantes farturas no Ano Novo, o pobre se debruça sobre os farelos de sua miserabilidade, desejando sempre dias melhores. Nesse quesito, o autor procede a uma verdadeira humanização da ficção para nos levar a refletir que os Direitos Humanos devem ser verdadeiramente universais, indivisíveis e irrevogáveis. Não podem sucumbir diante do peso de fatores políticos e econômicos, e, menos ainda,

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

podem abandonar aqueles a quem a sociedade animaliza e marginaliza. Proporcionalmente à marginalização, há a justiça social, feita, nas linhas do conto, à base da bala e de sangue. Sangue que, por sua vez, sela o brinde metafórico de um feliz ano novo.

Referências

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, s.d.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em direitos humanos**: Diretrizes Nacionais. Brasília, 2013.

FONSECA, Rubem. **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2005.

FIGUEIREDO, V. L. F. de. **Os crimes do texto**: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MOISÉS, M. **História da literatura brasileira**: modernismo, v. 3. São Paulo: Cultrix, 2001.

PINTO, M. da Costa. **Literatura brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2004.

SCHWARTZ, A. Sexo regrado. **Mais!** Folha de S. Paulo, 12 nov. 2006.

SILVA, Deonísio da. **O caso Rubem Fonseca**. São Paulo: Alfa-Omega, 1983.

_____. **Rubem Fonseca**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

SILVERMAN, M. **Moderna ficção brasileira**, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

VIDAL, Ariovaldo José. **Roteiro para um narrador**: uma leitura dos contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

Recebido em: 24/06/2018
Aceito em: 10/08/2018